

**JORNAL CORREIO DA SEMANA: A SECA COMO TEMA DE PRIMEIRA PÁGINA
COM ABORDAGEM CATÓLICA**

**NEWSPAPER CORREIO DA SEMANA: THE DROUGHT AS FIRST PAGE THEME
WITH CATHOLIC APPROACH**

Luciane Azevedo Chaves*

Resumo: Esta pesquisa é parte da dissertação de mestrado que aponta para uma discussão sobre as políticas públicas implementadas pelo Estado para os agricultores sertanejos na década de 1970, na microrregião de Sobral – Ceará, com prioridade para aquelas políticas destinadas em períodos de estiagem. O referido artigo tem como objetivo analisar a conjuntura do jornal católico Correio da Semana, pertencente à Cúria Diocesana de Sobral. O procedimento de análise foi de atentar para a configuração de cada edição do semanário em termos da pauta de notícias; da dinâmica de sua apresentação; dos modos de noticiar os problemas e as soluções apresentadas; dos sujeitos que despontavam; e da relação com o poder público, por meio da maneira de se reportar aos órgãos governamentais. Então, foi possível identificar seu posicionamento com relação à questão da seca, no ano de 1970. O jornal analisado apresenta um posicionamento de legitimar a presença da miséria e da fome, esforçando-se por demonstrar como a razão da pobreza e da miséria dos trabalhadores rurais está associada ao fato de terem se tornado vítimas da seca. O aprofundamento da leitura de suas páginas permitiu acompanhar a formulação de estratégias de produção e reprodução de uma memória em torno da região Nordeste, que a caracteriza como lugar do atraso, da miséria, das secas.

Palavras-chave: Agricultores; Imprensa; Memória; Seca.

Abstract: This survey is part of master thesis which brings a discussion about public policies implemented by the State for farmers in 1970 at Sobral – Ceará microregion, with priority for policies created for drought periods. The referred paper aims to analyze catholic newspaper Correio da Samana contexto, that belongs to Diocesan curia of Sobral. The procedure of analysis was to focus to the each edition newspaper configuration in terms of news schedule; of the presentation dynamic; of its problems reporting modes and solutions presented; of the people and of the connection with public power through the reporting way to the government agencies. Thus, it was possible to identify their positioning about drought matter in 1970. The newspaper analyzed presents a position to legitimize the misery and hunger existence, trying hard to prove how the reason of poverty and misery of farmers is due of the drought. The deep reading of its pages allowed to going wiht production and reproduction of a memory strategies formulation around northeast region, that one characterizes it as a backwardness, misery, and droughts place.

Key words: Farmers; Press; Memory; Drought.

* Professora do Centro Universitário - INTA: no Curso de Graduação em História na modalidade a distância. Mestra em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Email: lucianeazechaves@gmail.com

Considerações iniciais

Na pesquisa desenvolvida durante o mestrado foi realizado o estudo de três jornais cearenses: Correio da Semana, Correio do Ceará e O Povo, dentre outros documentos, porém para este artigo é analisado apenas o Jornal Correio da Semana. Pertencente à Cúria Diocesana de Sobral, foi fundado em 1918 pelo primeiro bispo da cidade, Dom José Tupinambá da Frota, que se tornou muito influente na Zona Norte do Estado do Ceará nas primeiras décadas do século XX, tendo essa influência se estendido para além de seu tempo de vida e fazendo-se presente nos dias atuais em toda a região.

Em seu início, o jornal era destinado principalmente à publicação de notícias de caráter religioso. Costumava ter de seis a oito páginas e, na primeira página, trazia, com destaque, a história do semanário, com um apanhado de sua fundação, ou algo relacionado à Diocese de Sobral. Depois, seguiam-se notícias de cunho nacional, internacional, regional e local, publicações relacionadas à Igreja Católica, como biografia dos padres da Diocese de Sobral, festas religiosas, notas de falecimento, aniversário e casamento. A disposição do texto seguia o formato de colunas: Coluna da Cidade; Vou te Contar; Nossa História; Sociais; Curiosidades; Esportes; Conheça o seu Bispo; Outras Notícias. Dependendo da intensidade do noticiário, qualquer dessas colunas poderia vir publicada em primeira página.

Publicava também anúncios a pedido e tinha como principais anunciantes: o médico Dr. José Mont'Alverne, a Escola dos Meus Filhos, Harmoniuns (loja de concertos e reformas), o advogado Edson Donizetti Coêlho, Casas Samuel (loja de móveis e eletrodomésticos), J. Torquato Comércio e Indústria S. A. (materiais de construção para o campo), Clínica Dr. Juvênio de Andrade, Sobral Auto Ltda. (Sorauto, revendedor autorizado da Volkswagen) e loja de eletrodomésticos Ciclorama.

A partir da identificação desses anunciantes, podemos perceber qual público leitor era constituído por este jornal. Temos, então, um público formado por médicos, advogados, famílias com poder aquisitivo para contratação de advogado e médico particular, para aquisição de móveis, eletrodomésticos e automóveis novos, comerciantes e proprietários rurais. Com relação aos colaboradores, eram em grande maioria constituídos pelos padres vinculados à Diocese de Sobral.

Sendo assim, articulei o diálogo com esse jornal, procurando entender as maneiras como a imprensa constrói a memória sobre a seca de 1970. Parti para a análise da conjuntura desse jornal atentando para como as notícias estavam dispostas nas páginas e quais ganhavam maior visibilidade: a construção dos textos, a forma como cada notícia era apresentada, a utilização de palavras depreciativas em referência aos agricultores, como “famintos”, e a ênfase nessa imagem com o recurso a expressões “flagelados famintos”, “sertanista sofredor”, “sertanejos flagelados”, “agricultores famintos”, “cassacos”, “vítimas da seca”. Foram pertinentes pontos no percurso para perceber a relação entre o recurso à carga dramática e a intencionalidade da notícia.

Desenvolvimento

O periódico tinha forte influência na região norte, principalmente no período da ditadura, como explicam José Valdenir Rabelo Filho e João Batista Teófilo Silva. Em sua pesquisa sobre a imprensa, ditadura e abertura política, Silva alerta para o fato de esse jornal ser simpatizante da ditadura, mas é importante, ao mesmo tempo, perceber um certo nuançamento nas posturas dos grupos católicos, incluindo aí os grupos que compunham a Diocese de Sobral naquele período. Isso também se deve ao fato de a Igreja Católica ter tido uma divisão, havendo aquele grupo conservador que apoiava a ditadura e um grupo que defendia os direitos dos trabalhadores do campo de que fazia parte do Movimento de Educação de Base (MEB).

Com relação a sua postura política, o Bispo Diocesano de Sobral, daquele período, Dom Walfrido Teixeira assumia uma postura moderada, evitando conflitos com o regime. (SILVA,2015, p. 17). No entanto o diretor do Correio da Semana, Cônego Egberto Rodrigues, apresentava uma postura mais rígida. Ao manifestar sua posição em favor à ditadura, de acordo com Silva, este padre tentava impedir a divulgação de programas voltados a questões políticas que reivindicavam os direitos dos trabalhadores do campo, como as questões relacionadas à reforma agrária:

Na contramão dos interesses de Pe. Egberto, que era dono de terras na região de Sobral, um episódio evidencia a censura ao programa do MEB por iniciativa a própria direção da rádio, em um dos programas, Pe. João Batista Frota narrava o drama vivido por um trabalhador ao ser expulso das terras em que trabalhava e morava. O trabalhador em questão foi despejado pelo próprio

padre Egberto que, na ocasião, na tentativa de tirar o programa do ar, o que não ocorreu naquele momento devido a artimanha de Pe. João Batista, que mudou de assunto, garantindo que o programa fosse transmitido até o final. (SILVA, 2015, p.18).

O posicionamento de Pe. Egberto evidenciava uma postura conservadora diante de determinados assuntos, como, por exemplo, a tentativa de manipular notícias que viriam a ser divulgadas na Rádio Educadora, também pertencente à Diocese de Sobral. Por outro lado, evidenciando aquele nuançamento mencionado acima, também era possível encontrar posturas como a do Pe. João Batista, que demonstrava ser contrário às ações do diretor da Rádio diante de assuntos que diziam respeito aos agricultores sobralenses.

As notícias que o Jornal Correio da Semana publicava sobre estiagem, a depender do impacto que poderiam causar, costumavam vir na primeira página. Algumas outras vezes, apareciam na segunda e terceira ou na última página do jornal. Geralmente, eram breves, calamitosas e publicadas ao lado de colunas que informavam a vida da sociedade sobralense, que divulgavam poemas, notas de aniversários e falecimentos, propagandas de imóveis, venda de veículos automotores ou ao lado de assuntos referentes à política de caráter nacional ou internacional.

Marta Emisia Jacinto Barbosa, quando se refere à maneira como os noticiários sobre a seca eram publicados na imprensa da segunda metade do século XIX, coloca que se constituía uma narrativa que empreendia um inventário da miséria, compondo-se com detalhes peculiares e descrevendo as situações em que os habitantes se encontravam. Na segunda metade do século XX, a visão de miséria ainda se perpetuava em jornais cearenses. (BARBOSA, 2004, p. 55).

O Jornal Correio da Semana abordava a seca de 1970 em termos da situação de flagelo e fome que “continuava” a se alastrar pelo Ceará e pela microrregião de Sobral, e, com esses recursos, legitimava sua abordagem com o relato do que apresentava enquanto o “cotidiano” de sertanejos que saíam de suas casas em busca de auxílios. Na edição de 11 de abril de 1970, o Correio da Semana publicou matéria intitulada “Estiagem leva famintos ao saque”:

[...] registra-se uma estiagem que já se prolonga por mais de vinte dias, aumentando o desalento de agricultores de pequenas posses que já abandonaram o sertão em busca de auxílio nas cidades. Em alguns municípios cearenses já houve saque, como em Mombaça e Independência, onde famintos tentaram invadir o comércio, a procura de alimentos. Em nossa cidade o

aspecto está mudando, com a chegada da gente do sertão que reunida em grupos se espalha pelas ruas pedindo auxílios. Ontem por exemplo, constatou-se a presença de grande quantidade de sertanejos, que visitavam as casas comerciais pedindo auxílio e expondo sua situação. [...]. Estiagem leva famintos ao saque. *Correio da Semana*, Sobral, ano 53, n. 2, 11 abr. 1970, p. 2.

O texto fala dos agricultores de “pequenas posses” que saíam de suas casas em busca de auxílios. Há um fator importante nesta notícia. No início do texto, o sujeito em questão é denominado como o “agricultor”, que sai de sua casa em busca de ajuda; quando esse agricultor chega à cidade, passa a ser percebido como o “faminto” que saqueia os estabelecimentos comerciais. No decorrer do texto, outras referências vão surgindo para este agricultor, como “gente do sertão” que se reúne em grupos percorrendo a cidade. Logo em seguida, surge o “sertanejo”. Afinal, quem é esse agricultor?. O termo “pequenas posses” é colocado na notícia para evidenciar aquele agricultor que cultivava a terra para a subsistência.

As reportagens dos periódicos pesquisados sempre atribuem tais definições ao agricultor, que é sertanejo, mas que também é faminto ou miserável, pobre e flagelado. Tais definições são uma reafirmação da imagem apresentada pela imprensa no final do século XIX e no início do século XX a respeito do agricultor sertanejo. Barbosa evidencia estas atribuições ao atentar para as descrições do jornalista José do Patrocínio, que veio ao Ceará para se articular com a imprensa cearense e escrever a respeito da seca de 1877-1879. Barbosa demonstra que o retirante sempre era apresentado como símbolo de “calamidade ou mesmo de iniquidade”. (BARBOSA, 2004, p. 85-87).

A “memória do flagelo” foi reafirmada nos jornais do início do século XX. Meio século depois, esta memória continuava a se perpetuar em alguns periódicos cearenses, a partir da imagem estereotipada com relação à região Nordeste: habitada por um povo sofrido; lugar miserável, de atraso, de constante miséria, devido às condições propiciadas pelo clima, fator responsável pela pobreza e pela situação de calamidade. No livro *O genocídio do Nordeste* (1979-1983), organizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), pelo Centro Piauiense de Ação Cultural (CEPAC) e pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), estudiosos e integrantes de movimentos sociais como já mencionado na Introdução, apontam para esta questão, discordando da ideia de que a seca seria o fator responsável pela situação de miséria em que vivia grande parte dos trabalhadores do Nordeste. (CPT; CEPAC; IBASE, 1983, p. 21).

Ocorre que o fator climático não seria o responsável pela situação vivenciada, especificamente na década de 1970. Neste período, a ideia de acumular água foi fortalecida como alternativa para sanar tal problema, pois a retenção de água vinha sendo uma política implementada pelos governos no intuito de resolver a situação da escassez do líquido. Porém, sabe-se que tais políticas beneficiavam aqueles a quem a terra pertencia. Diante disso, “[...] o resultado foi o fortalecimento das condições e exploração do povo nordestino.” (CPT; CEPAC; IBASE, 1983, p. 34).

Em 1970, o Jornal Correio da Semana publicava constantemente, em suas páginas, notícias sobre solicitação de frentes de serviço e sobre alistamentos. De acordo com as notícias, tais frentes eram justificadas com o intuito “amenizar o sofrimento dos nordestinos”, de dar ao agricultor sertanejo uma ocupação para não cair na ociosidade. Estas eram algumas das justificativas apresentadas em muitas destas reportagens.

Publicada na primeira página do jornal, a notícia “Antes tarde do que nunca – Frentes de trabalho em 10 dias”, datada em 16 de maio de 1970, informava a liberação de recursos pela Supertendência Intendência do desenvolvimento do Nordeste-SUDENE para serem implementados em obras emergenciais no Nordeste, incluindo o Estado do Ceará. Muitas destas obras correspondiam à construção de rodovias ou de avenidas em cidades onde a situação de calamidade estaria mais agravada, conforme a notícia citada a seguir:

Para amenizar a situação de milhares de nordestinos que estão morrendo de fome em consequência da sêca que hora castiga essa região, a SUDENE, reconhecendo o estado de calamidade, decidiu liberar alguns cruzeiros que serão empregados em frentes de serviço, cujo alistamento de pessoal está previsto para dentro de mais alguns dias, em turmas de 27 pessoas. Como é do conhecimento do público, no Ceará apenas alguns municípios foram incluídos no plano de emergência, quando todo o Estado, reclama por providências do govêrno, com respeito à irregularidade do inverno, que na hora mais precisa desapareceu, deixando a lavoura totalmente perdida, por falta de chuvas, como é o caso do nosso município, onde a plantação está morrendo. (ANTES TARDE DO QUE NUNCA! FRENTES DE TRABALHO EM 10 DIAS. *Correio da Semana*, Sobral, ano 53, n. 7, 16 maio 1970. p. 1).

Apesar de ser um jornal de caráter religioso, o Correio da Semana publicava diversas reportagens sobre a seca de 1970, dentre elas estavam àquelas referentes à chegada de auxílios

aos sertanejos, como a citada acima, que se destaca pela intensidade com que apresenta os acontecimentos. Por ser noticiada em primeira página e não como nota breve ou misturada a outras notícias que poderiam dispensar atenção do leitor, o jornal lhe proporciona maior visibilidade. O texto procura dar legitimidade às seguintes questões: os nordestinos estavam morrendo de fome devido à seca que se alastrava na região; as frentes de serviços enviadas naquele momento não eram suficientes; o reconhecimento do estado de calamidade seria suficiente para o envio das frentes de emergência; as providências haviam chegado tarde, mas ainda era possível amenizar o sofrimento dos mais fortes.

As frentes de serviço não chegavam para todos os municípios, informa o noticiário. E o Estado do Ceará ainda reclamava por mais ações emergenciais. No decorrer do ano de 1970, dentre as reportagens publicadas sobre estiagem, os periódicos informavam o alistamento de agricultores e a chegada de tais frentes, ou sua solicitação, bem como o cancelamento de recursos destinados à realização das obras públicas.

Nas matérias analisadas, pude perceber que os recursos financeiros custeados pela SUDENE em obras emergenciais na região Nordeste e no Estado do Ceará eram grandiosos. Em notícia de 27 de junho de 1970, por exemplo, menciona-se a liberação de 5,2 milhões cruzeiros somente para o Estado do Ceará. Isso se convertia, para cada trabalhador que estivesse alistado, em uma diária de dois cruzeiros. (SUDENE LIBERA MAIS VERBAS PARA OS ESTADOS SÊCOS, 1970, p. 1). Vale observar o quanto esta diária era insuficiente para a subsistência do agricultor e de sua família. Então, podemos pensar que a falta de chuvas não era o fator determinante da tão lastimada miséria vivenciada pelo sertanejo, como afirmavam os jornais cearenses da década de 1970. Mas a forma como estas políticas eram implementadas levava o agricultor a uma situação que poderia constituir numa miséria.

Nos noticiários, as frentes de serviços são mencionadas como uma medida paliativa para amenizar o sofrimento dos sertanejos, porém, seria ingenuidade acreditar que este consistia no principal motivo. Diante dos fatos, é importante atentar para a seguinte questão: vivia-se numa ditadura militar que tinha como fundamentos manter a ordem, o controle e o comportamento dócil da população trabalhadora, com a adoção de medidas de diferentes naturezas para a contenção de sublevações e de iniciativas de revolução socialista. Era inadmissível aos agentes dessa ditadura que essa ordem fosse perturbada, que “levas de famintos” – termo frequentemente utilizado pelos jornais – se aglomerassem nas cidades, pedindo esmolas e ameaçando a propriedade privada com os saques. Os socorros emergenciais

surgiram como forma de manter a “paz” e a “ordem”, fixando o sertanejo no campo, porque, com isso, seriam evitados os deslocamentos, as mobilizações. (NEVES, 1994, p. 48-49).

As condições nas quais os sertanejos se encontravam, de acordo com Neves, significavam uma regressão dor ser humano. Isto implica dizer que estariam voltando ao seu estado de selvageria, devido às condições de vida, à situação precária na qual se encontrava o agricultor. Essa forma de pensar o sertanejo como coitado, pobre e miserável o coloca, entretanto, na posição de vítima, terminando por corroborar a imagem de que o Nordeste seria o lugar da miséria. Tal discurso é reafirmado pela mídia e por aqueles que acabam se assumindo como eternas vítimas da seca. Vejamos as indagações de Durval Muniz de Albuquerque Junior a respeito desta imagem:

Por que dizemos com exaltação e rancor que somos esquecidos, que somos menosprezados e vítimas da história do país? Que mecanismos de saber e de poder nos incitam a colocarmo-nos sempre no lugar de vítimas, de colonizados, de miseráveis física e espiritualmente? Como, por meio de nossas práticas discursivas reproduzimos um dispositivo de poder que nos reserva o lugar de pedintes lamurientos, produzimos e reproduzimos um saber em que sentimos o prazer de dizer que somos pobres coitados? (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 20-21).

As indagações de Albuquerque Junior levantam a possibilidade de se refletir sobre o que significa ser nordestino e viver numa região como o Nordeste. O autor afirma que o Nordeste e o povo nordestino, tais como são repetidamente noticiados, seriam uma invenção da relação de poder e que é preciso superar este discurso, os estereótipos criados a partir de um pensamento de discriminação constituído como verdade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 21).

Apesar de a discussão deste capítulo não ser voltada para o termo “nordestino”, levanto esta discussão porque o autor faz algumas observações com relação à imagem construída em tono do sertanejo, e, dentro deste contexto, estão os agricultores e a sua condição social. Nos jornais pesquisados, tal visão de sofrimento e da vitimização é constantemente enfatizada.

A relação de poder mencionada por Albuquerque Júnior pode ser percebida nas palavras de Teoberto Landim, no livro *Seca: a estação do inferno*, pois, ao dialogar com alguns romances regionalistas, como *Os Retirantes*, *A Bagaceira*, *O Quinze*, *Vidas Secas*, entre outros, Landim chama atenção para a relação com o paternalismo reafirmado em períodos de seca,

ênfatizando que “[...] não havia interesse de resolver a questão, mas sim de conservar o sertanejo como um eterno dependente do ‘Coronel’, dos ‘favores governamentais’[...]” . (LANDIM, 2005, p. 119).

As percepções de Landim remetem a um período anterior ao recorte temporal desta pesquisa, porém, a eternização da miséria, a manipulação das frentes de trabalho por parte dos governantes ainda se faziam presentes, embora não fossem tão visíveis, ou surgissem camufladas, porque sabemos que a década de 1970 trazia um discurso de que a região Nordeste precisava ser modernizada para, somente então, ser “integrada” ao restante do país.

Frederico de Castro Neves levanta a questão do paternalismo através do “emergencialismo”, uma forma de relação de poder ainda presente na década de 1970. Em períodos de estiagem, o poder era reafirmado para a satisfação dos dominantes, esta relação precisava ser preservada, pois manter os agricultores pobres, sem terra, sem trabalho e com fome, controlados através das frentes de serviço seria muito mais seguro. (NEVES, 1994, p. 49).

Conforme Lara Vanessa de Castro Ferreira, a relação de paternalismo tornara-se um costume desde o tempo do Império, quando os primeiros socorros públicos foram realizados como “medidas paliativas” em tempos de seca. Desde então, o Estado assumiu a responsabilidade enviando trabalhos para conter os sertanejos que saíam do campo para a cidade, em busca de trabalho ou de alguma alma caridosa que lhes pudesse prestar um socorro. No dia 23 de maio de 1970, em primeira página, o *Correio da Semana* traz um texto curto, mas com teor de impacto, intitulado “Sobral necessita de frentes de trabalho”:

Diante da estiagem ora existente em todo o Estado com a inclemência da seca, necessário se faz um grito de alerta por parte de nossas autoridades, solicitando da SUDENE, frentes de trabalho também para o município de Sobral, onde centenas de famílias estão morrendo de fome por não disporem de meios de conseguir alimento necessário a sua sobrevivência. A cidade já está cheia de flagelados, que acampados nos subúrbios, rumam ao centro em busca de emprego e pedindo esmola. É ora de se construir irrigações, de se construir melhores estradas e de se franquear a pesca nos açudes públicos, dando ao homem do campo, meios de se escapar com seus dependentes [...]. (SOBRAL NECESSITA DE FRENTES DE TRABALHO,. *Correio da Semana*, Sobral, ano 53, n. 8, 23 maio. 1970. p. 1).

É importante atentar para as seguintes questões a partir desse texto: havia centenas de famílias morrendo de fome; os flagelados chegavam à cidade em busca de auxílios, inclusive

na própria redação do jornal. Estes são os caminhos legitimadores da notícia e do posicionamento do jornal. Havia de fato uma preocupação do jornal com estas pessoas? No decorrer do texto, o redator reclamava por estar sendo abordado por “flagelados” em busca de auxílios: “[...] é ora de tirar da nossa porta, o homem que reclama por trabalho [...].” (SOBRAL NECESSITA DE FRENTE DE TRABALHO, 1970, p.1).

O jornal clamava providências e chamava as “nossas autoridades” para resolver a situação, solicitando o apoio da SUDENE. Afinal, quem eram essas autoridades? Para quem o jornal estaria falando? As pesquisadoras Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury, ao analisarem jornais paulistanos, apontam para a importância estratégica dos adjetivos que os jornais constituíram para estabelecer avaliação de conjuntura, para evidenciar alianças e embates políticos e, também, para difundir seus respectivos projetos de sociedade. Segundo as autoras, em uma investigação com jornais, o uso de artifícios linguísticos como o emprego de adjetivos e pronomes nos variados espaços das páginas, por exemplo, pode dar pistas sobre a que propósito e por quem fala um referido periódico. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p.60).

O pronome “nossas”, na frase “nossas autoridades”, propõe-se a generalizar a notícia, o posicionamento e a reivindicação para todos aqueles que sofriam com a estiagem, ao mesmo tempo em que oculta um determinado grupo que se aproveitava da situação de angústia dos trabalhadores pobres, sem terra, sem trabalho para envidar pressões em torno de determinados investimentos no campo (VIEIRA, 1991, p.60), como a realização de projetos voltados para a irrigação e a construção de estradas.

É importante atentar para a imagem “a cidade está cheia de flagelados”. (SOBRAL NECESSITA DE FRENTE DE TRABALHO, 1970, p.1). Porque é a imagem que justifica que deveriam ser tomadas providências para que essas pessoas não permanecessem na cidade, pois já se direcionavam para o centro à procura não apenas de emprego, mas, sobretudo, de auxílio mais imediato, como esmolas e comida. Quando o agricultor sertanejo saía de sua casa em direção aos centros urbanos tornava-se um fator preocupante, uma vez que se tornava necessário mobilizar uma memória a respeito de experiências de saques em períodos de seca anteriores. Na passagem citada acima, é perceptível que o clamor por frentes de trabalho estaria relacionado a manter esta gente no campo para garantir uma determinada ordem.

Mas tal medida não seria permanente, pois as ocupações nas frentes de serviço eram temporárias. A estiagem continuaria existindo e o sertanejo estaria fadado a depender

constantemente de “auxílios paliativos” emitidos pela SUDENE ou pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas-DNOCS e demais instituições vinculadas aos governos federal e estadual.

Durante uma das secas de maior impacto registradas na imprensa e na historiografia, a de 1877-1879, a “memória plástica” sobre o sertão, organizada por periódicos como o Jornal Gazeta de Notícias, a Revista O Besouro e a Revista da Semana, do Rio de Janeiro, apresentava um olhar único sobre o sertão, constituindo uma memória dominante, de acordo com o que analisou Marta Emisia Jacinto Barbosa. No final do século XIX, a ação da imprensa carioca dava notoriedade à seca como drama que se estendia pelos sertões com a escassez de água e com a paisagem mórbida habitada por homens e mulheres residentes naquela situação. (BARBOSA, 2004, p. 22).

A memória da miséria perpetuada pela imprensa em períodos anteriores continuava fazendo parte dessa “rede de comunicação” na década de 1970. Os jornais cearenses Correio da Semana, Correio do Ceará e O Povo estampavam em seus noticiários a calamidade acarretada pela falta de chuvas. No Jornal Correio da Semana, essa memória era reafirmada conforme reportagem seguinte:

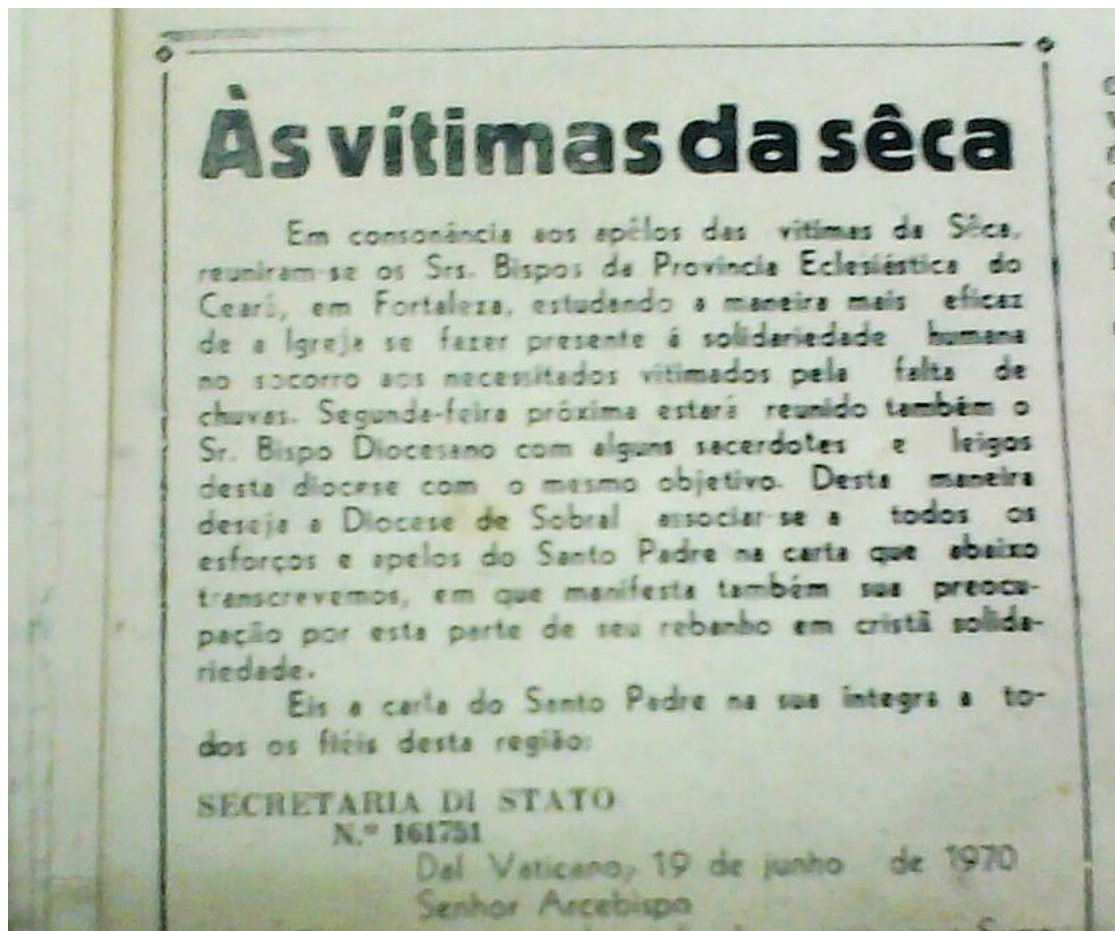


Figura 1

Às vítimas da seca. Sobral. *Jornal Correio da Semana*. Sobral, 18 jul. 1970. p.1.
Acervo do Jornal Correio da Semana, Cúria Diocesana, Sobral-Ceará.

O texto da Figura 1, é parte de uma reportagem que trazia uma carta emitida pelo Vaticano em nome do Papa Paulo VI. O objetivo principal da carta era prestar solidariedade aos sertanejos denominados pelo periódico de “vítimas da sêca”. Como a imagem não estava legível, optei por destacar apenas um trecho inicial da notícia:

Em consonância aos apelos das vítimas da Sêca, reuniram-se os Srs. Da Província Eclesiástica do Ceará, de Fortaleza, estudando/ a maneira mais eficaz de a Igreja se fazer presente à solidariedade humana no socorro aos necessitados vitimados pela falta de chuvas. Segunda-feira próxima estará reunido também o Sr. Bispo Diocesano com alguns sacerdotes e leigos desta diocese com o mesmo objetivo. Desta maneira deseja a diocese de Sobral associar-se a todos os esforços e apelos do Santo Padre na carta que abaixo transcrevemos, em que manifesta também sua preocupação por esta parte de seu rebanho em cristã solidariedade. Eis a carta do Santo Padre na íntegra a

todos os fiéis desta região: Secretaria Di Stato N. 161751, Dal Vaticano, 19 de junho de 1970. Senhor Arcebispo [...]. (CRÉDITOS PARA O BRASIL. Às vítimas da seca. *Jornal Correio da Semana*. Sobral, ano: 53, n. 15, 18 jun. 1970, p. 1).

A repercussão da seca havia chegado até o Vaticano e, assim, a memória construída em torno da miséria se legitimava. Como diz Barbosa, a miséria exagerada se tornara trágica, destacando “[...] destacando o lugar onde a miséria transbordava, onde se via um verdadeiro “espetáculo de miséria”, que, associado às imagens, conquistou uma outra eloquência”. (BARBOSA, 2004,p. 95).

O Correio da Semana assumia a posição de um jornal que divulgava a “verdade cristã, e em defesa dos interesses da coletividade”. (53 ANOS DE CORREIO DA SEMANA, 1971, p. 3). Era um jornal que, lembrando o que afirma Silva, se identificava mais com o grupo conservador da Igreja, principalmente durante a ditadura. (SILVA, 2015, p. 183).

Em suas páginas, era comum encontrar legendas que reafirmavam seu compromisso com a sociedade cristã sobralense. Em comemoração aos 53 anos do periódico, o colunista Francisco Oliveira de Moraes esboçou um apanhado sucinto sobre a trajetória do semanário:

53 Anos de Luta

No dia 31 de março p. passado, o *Correio da Semana* completou 53 anos de existência, tóda ela dedicada à divulgação da verdade cristã, e em defesa dos interesses da coletividade. São decorridos 53 anos, e o jornal sobralense continua sua marcha, sempre nôvo, sempre se renovando em mentalidade.

Apesar das dificuldades encontradas em tóda sua existência, enfrentando épocas boas e ruins continuou sua caminhada com passos firmes e decisivos. Não seriam pequenos abalos que o jogariam por terra, desaparecendo como todos os demais que nasceram na terra de Domingos Olímpio.

FRANCISCO OLIVEIRA DE MORAIS

Hoje, o *CORREIO DA SEMANA* é uma realidade bem viva, no seio da comunidade sobralense, levando bem longe as nossas notícias e tornando cada vez mais conhecida a "Princesa do Norte", difundindo os grandes feitos de seus filhos. Isto tem sido possível, graças aos esforços de seus colaboradores e leitores que sempre o têm prestigiado, o que nos tem dado o propósito de oferecer um jornal genuinamente sobralense, a todos que tenham a oportunidade de ler o semanário diocesano. Animados por êsse propósito, temos recusado a publicação de alguns artigos, que em-

bora interessantes e atuais, possam ferir os sentimentos religiosos e morais de nossa gente.

Agora neste ano de 1971, esperamos continuar dando a todos os nossos leitores, divulgações ainda mais sobralenses, mais nossas. Muitas colaborações entretanto são necessárias, para alcançarmos êste objetivo. Para tanto, contamos com você prezado leitor e assinante, que poderá se tornar um dos mais categorizados repórteres, enviando à nossa redação todo fato que deva ser divulgado. Lembremos entretanto que o

nosso jornal circula apenas uma vez por semana, o que nos força a uma rigorosa seleção de artigos, por uma questão de espaço e interesse. Todavia, pedimos que continuem mandando notícias, mesmo que não nos seja possível dar divulgação a tódas. Sua compreensão sobre êsse critério é muito importante para nós. Somente assim, com o fruto de sua colaboração, conseguiremos matéria para seleção dos melhores artigos que serão levados ao público, a fim de dar a todos os nossos leitores, um jornal agradável, capaz de despertar o seu interesse.

Figura 2

53 anos de Luta. *Jornal Correio da Semana*. Sobral, 10 abr. 1971. p.3.
Acervo do Jornal Correio da Semana, Cúria Diocesana, Sobral-Ceará.

De acordo com o que vemos no texto da Figura 2, o semanário procurava demonstrar o quanto era criterioso com a seleção de seus artigos, alegando o cuidado em não "ferir os sentimentos religiosos e morais" de seus leitores. Informava sobre seu empenho em reconhecer a necessidade de divulgar notícias com maior visibilidade ao povo sobralense. E enfatizava também seu objetivo de proporcionar ao leitor "um jornal agradável". Durante a pesquisa nesse periódico, percebi que havia um número menor de notícias sobre as estiagens na chamada Zona Norte de Sobral. Nas notícias relacionadas à seca que o periódico publicava, geralmente apareciam outros municípios do estado do Ceará, o que gerou uma indagação: por que o número de notícias publicadas sobre estiagem nesse jornal com relação a outras localidades do interior era maior do que as da própria região?

O texto acima fala sobre a necessidade de mais colaboradores para trazer notícias “locais” e “prazerosas”. Então, é possível depreender daí que falar das necessidades dos sertanejos sobralenses diante da estiagem talvez não importasse para este periódico. Rabelo Filho fala que, durante a década de 1970, a cidade de Sobral procurava construir uma imagem de progresso e modernidade, informando a chegada de investimentos no setor industrial. Desse modo, em 1970, Sobral “[...] figurava no sertão cearense como uma cidade moderna, palco de grandes empreendimentos econômicos, cenário para a realização da classe média sertaneja [...]”. (RABELO FILHO, 2014, p. 184-185).

Compreende-se, portanto, que, para o Jornal Correio da Semana, não seria interessante passar a imagem de uma Sobral necessitada de políticas públicas para a agricultura, de modo especial não tinha interesse em se dedicar àqueles agricultores que viviam de uma agricultura de subsistência.

Considerações finais

Desse modo, há uma memória estereotipada em torno da região Nordeste que destaca uma economia atrasada e é construída não apenas na imprensa, mas também na literatura e no cinema. Nos jornais, ganha ampla visibilidade devido à força de verdade que acompanha a prática da imprensa com o trabalho de produção de notícias sobre a realidade, que, no caso do Nordeste, tem sido frequentemente associada ao sofrimento pela constante presença das secas.

A memória da fome passou a ganhar notoriedade na imprensa no final do século XIX, com as notícias da seca de 1877-1879 no Nordeste. Ao longo do século XX, foi reafirmada não apenas através de textos, mas de imagens impactantes de crianças, jovens e adultos em trajés seminus, mostrando seus corpos esqueléticos. As imagens do “flagelo” foram fundamentais para definir a região, destacando esse pedaço do país a partir desse olhar, chamando a atenção dos meios de comunicação para tais questões, como menciona Albuquerque Júnior e Marta Emisia Jacinto Barbosa.

Analisando jornais e fotografias do final do século XIX e do início do século XX, Barbosa aponta para uma memória forjada. A autora chega à conclusão de que a imagem de “famintos”, “flagelados”, tal como estava disposta nas reportagens e fotos impressas em jornais, reproduziam uma memória dominante e que havia intencionalidades na construção dessa determinada imagem sobre os sertanejos e sobre a memória da região Nordeste.

(BARBOSA, 2004, p. 14). Sendo assim, percebe a imprensa não somente como um veículo de informações, mas, principalmente, como agente capaz de se afirmar como constituidora da verdade. (BARBOSA, 2004, p. 18-19).

É importante refletir sobre essas questões, pensando em como e por que, ainda na segunda metade do século XX, existia uma imprensa preocupada, como diz Barbosa, em reproduzir notícias “forjadas”, reafirmando a ideia de que os sertanejos são flagelados, famintos e vítimas do atraso, habitantes de um lugar marcado pela fome e por constantes secas. Uma imprensa que reafirma a ideia de progresso, modernização no campo, reforçando a importância de possibilitar condições de permanência dos sertanejos em seus lugares é a mesma imprensa que reafirma o pensamento de uma memória dominante.

Para entender como as notícias a respeito da seca no ano de 1970 se constituíam e para problematizar em que medida passaram a compor a linha da memória dominante apontada por Barbosa, foi necessário, portanto, olhar os periódicos de dentro para fora. Para isso, enveredei na metodologia de análise elaborada por Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, atentando para títulos, subtítulos, as palavras, os assuntos que mais se destacavam, com olhar focado na perspectiva da problemática proposta na pesquisa.

Sendo assim, foi importante acompanhar os modos como esses discursos foram sendo introduzidos nas notícias, a partir de estratégias, por exemplo, de repetições de palavras-chave de impacto – “miséria”, “fome”, “vítimas da seca”, “desesperados” – e de outras palavras-chave que se fizeram presentes nas reportagens e também ajudaram a compreender o olhar do jornal sobre os sertanejos, chamados de “cassacos”, “flagelados”, “sertanejos famintos”, “cabeças chatas”. O adjetivo “aflito”, por exemplo, era constantemente utilizado para se referir aos governadores nordestinos diante da estiagem de 1970, conforme acompanhei no *Jornal Correio da Semana*.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Famintos do Ceará: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. 2004. 289f. Tese (Doutorado em História Social) –

Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CPT; CEPAC; IBASE. *O genocídio do Nordeste (1979-1983)*. São Paulo: Hucitec, 1983.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Enxadas e compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919)*. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

LANDIM, Teoberto. *Seca: a estação do inferno. Uma análise dos romances que tematizaram a seca na perspectiva do narrador*. . 2.ed. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

NEVES, Frederico de Castro. *Imagens do Nordeste: a construção da memória regional*. Fortaleza: SECULT, 1994.

RABELO FILHO, José Valdenir. *A “Princesinha do Norte” em tempos de autoritarismo. Legitimidade, consenso e consentimento (Sobral – CE / 1964- 1979)*. 201f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, João Batista Teófilo. *Imprensa, ditadura e abertura política: entre consentimentos, atritos e ambivalências. a atuação dos jornais cearenses "Correio da Semana" e "O Povo" (1974-1985)*. 2015. 229f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; KHOURY, Yara Aun; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *A pesquisa em História*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.